



Rádio de fronteira na *web*: um espaço para as práticas culturais¹

Vera Lucia Spacil Raddatz –UFRGS/UNIJUI²

Resumo

O rádio FM de fronteira está acompanhando o fluxo das transformações proporcionadas pelas novas tecnologias. Hoje somos cidadãos do mundo e já não temos uma identidade, mas identidades. Ao ingressar na *web*, o rádio não só ampliou sua audiência como reafirmou seu papel de difundir as representações das práticas culturais da região da fronteira no espaço virtual. Este trabalho dialoga com a temática a partir de observações da programação de duas emissoras FM situadas em Santana do Livramento-Rivera (Fronteira Sul Brasil-Uruguai) e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (Fronteira Centro Oeste Brasil-Paraguai).

Palavras-chave:

Rádio; Fronteira; Práticas culturais; Web.

Introdução

O fenômeno da fronteira é um espaço de múltiplas identidades, onde as práticas culturais podem ser representativas da cultura fronteiriça e ao mesmo tempo representações das identidades ali construídas. A palavra fronteira deriva do latim *fronteria* ou *frontaria*, que significa a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. Esta noção contém séculos de história, pois as sociedades constituíram-se em diferentes continentes por meio de descobertas, lutas, conflitos e metas de desenvolvimento, geralmente definidas em torno de um determinado território. Falamos aqui não só de limites geopolíticos, queremos pensar numa fronteira mais ampla, aquela que inclui um espaço físico territorial e o espaço da *web*, pois o termo não pode mais ser olhado da mesma maneira depois das novas tecnologias e do processo de desterritorialização do mundo contemporâneo.

O valor da alteridade parece ser maior na fronteira do que em outros espaços. No território físico, a divisa anuncia-se naturalmente como um lugar onde o nacional e o internacional, apesar de claramente distintos em decorrência de limites geográficos e políticos, se entrelaçam, porque as relações construídas no cotidiano são muito próximas e se interpenetram. No plano da *web*, as fronteiras desaparecem, dissipando-se no ar. E, da mesma maneira, as práticas culturais se difundem, ultrapassando os limites

¹ Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídia Sonora do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2007.

² Doutoranda do PPGCOM da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - e Professora do Curso de Comunicação Social da UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS. verar@unijui.edu.br



territoriais. A noção de lugar e de espaço também se modifica porque compreende uma outra dimensão: daquilo que não é visível, mas é concreto, e através do qual se pode tráfegar.

Um primeiro olhar sobre a fronteira geopolítica permite ver uma diferença de ordem puramente física, ou seja, algum tipo de marco que constitui razão política de separação, um monumento, um obelisco, uma ponte, um rio, uma rua. O Brasil é formado por fronteiras conurbadas, ou seja, uma rua divide um país do outro, como é o caso de Santana do Livramento-Rivera, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, ou fronteiras separadas por uma ponte, como Foz do Iguaçu-Ciudad del Este (Brasil/Paraguai). São milhares de quilômetros de extensão que compreendem limites com o Uruguai, a Argentina, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Peru, Paraguai, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. Três regiões brasileiras fazem limite com estes países: Norte, Centro-Oeste e Sul.

Neste estudo, vamos nos deter à observação de emissoras de rádio FM que estão localizadas em dois pontos fronteiriços: na região sul, fronteira Brasil-Uruguai, cidades de Santana do Livramento-Rivera e na região centro-oeste, fronteira Brasil-Paraguai, cidades de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero. O objetivo é verificar como as práticas culturais são representadas na programação dessas emissoras escolhidas segundo os critérios da localização ao mesmo tempo no dial e na *web*, e isso de certa forma torna mais complexa a discussão sobre como podemos compreender o que é fronteira hoje.

As práticas culturais e a fronteira

O mapa do Brasil mostra a imensidão de 8.511.965 quilômetros quadrados do nosso território. Na América do Sul, o Brasil não se limita apenas com dois países: Chile e Equador. Esse número visível de fronteiras geopolíticas e a extensão total do país resultam em um fenômeno cultural muito interessante, que se reproduz numa das mais ricas diversidades culturais do mundo. A fronteira, assim como o país todo, é como um caldeirão cultural³, onde fervem ingredientes principais de culturas diferentes, que vão resultar na massa constitutiva dessa diversidade. Isto não se explica, portanto, apenas pelo tamanho do território, mas pela quantidade de outras culturas, as quais nele se fazem presentes e se relacionam.

Hall assegura a centralidade da cultura, isto é, o papel constitutivo da cultura em todos os aspectos da vida social. Para Hall (1997, p.26):

³ Caldeirão cultural: expressão criada pela autora para definir o fenômeno cultural que acontece na região da fronteira



O que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.

As fronteiras representam, por isso, um espaço muito importante, pois ali acontece diariamente um movimento que colabora para essa diversidade: ela é a porta de entrada e o corpo a corpo na manifestação de culturas diferenciadas que se mesclam se reproduzem e ao mesmo tempo se apropriam uma da outra. E essa apropriação da cultura do outro se dá de modo natural e espontâneo, não é provocada por nenhuma força econômica ou política que pode mover ou produzir outros tipos de relação. Ela é fruto da convivência quotidiana entre povos de nações diferentes. Como a natureza ensina, o homem apreende de seu meio aquilo que é importante para a sua sobrevivência. Do mesmo modo, o homem que vive nessas regiões retira do seu espaço de convivência aqueles elementos da cultura do outro, que considera importantes para ele, e os reproduz, adequando-os a sua cultura.

A língua, considerada um dos patrimônios culturais de um povo e referência de identidade nacional, na fronteira reveste-se de outras características, pois os idiomas se misturam, expressões novas e híbridas despontam para serem entendidas muitas vezes somente naquele contexto. Falantes de línguas diferentes compreendem o idioma do outro. E, geralmente não o falam, retiram dele palavras e expressões, adaptam-nas para a sua língua e o seu cotidiano e fazem fluir a comunicação diária. Este comportamento se repete dos dois lados da fronteira, produzindo trocas, vendas, negociações, amizades e até casamentos. O estrangeiro da fronteira geopolítica não é o cidadão do outro país que mora naquela faixa vizinha de 150 km. O estrangeiro pode ser aquele que vem de longe, às vezes de dentro de seu próprio país, mas não domina os códigos de comunicação que ali são corriqueiros.

Podemos dizer que a língua é um elemento da nossa identidade. Mas a construção desta faz parte de um processo que se dá no coletivo, não é um ato individual. Ela ocorre na sociedade e está ligada à estrutura social, faz parte de tudo que



tem significado para esse contexto. E na região da fronteira, o coletivo pode ser o local deste e do outro lado da rua, não importa que o outro lado da rua fale outra língua.

Canclini (1997, p.348), quando caracteriza as culturas híbridas, refere-se a uma pesquisa realizada na fronteira dos Estados Unidos com o México e conclui que:

{...} hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

De fato, como diz Canclini, hoje todas as culturas são de fronteira. Vivemos um momento em que o território-nação perdeu sua importância para agregar cidadãos do mundo. Vivemos o processo da desterritorialização, em que somos cidadãos do mundo, pelas experiências que trocamos e pela possibilidade e facilidade que temos de migrar para outros países. Neste contexto, não há como ficar imune às influências que recebemos, aos conhecimentos que adquirimos e às experiências e trocas que experimentamos. Assim, aquilo que considerávamos nossa identidade nacional vai se desconstruindo para gerar identidades.

Como cidadãos, passamos a nos ver dentro de um processo coletivo que permite pensar que não temos uma identidade, mas sim identidades fortalecidas por estas novas marcas e registros. Não só absorvemos elementos do contexto, como contribuímos para o processo de transformação das práticas culturais nele inseridas. Isso como cidadãos. Mas e como comunicadores, se estivermos diante de um microfone de rádio, por exemplo? Atuamos como aquele que é intermediário entre o meio e o receptor ou como mediador de um processo que inclui as práticas culturais?

As práticas culturais estabelecidas na fronteira têm uma relação direta com a comunicação; a *comunicação constitutiva da cultura* a que se refere Martín-Barbero (2003, p.68), ressaltando que “... as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos.” Não podemos pensar as práticas culturais sem considerar que reconhecemos nossa identidade quando a confrontamos com a identidade do outro, e quando percebemos e respeitamos nossas diferenças, pois a cultura não é algo isolado, é construção permanente a partir daquilo que apreendemos do meio e das relações que estabelecemos com os outros em sociedade.

Os comportamentos sociais, as manifestações artísticas, as relações com o meio-ambiente e social, as formas de lazer e diversão, as temáticas que colocamos como



prioridade nas nossas discussões, os hábitos e tradições que trazemos do passado e as novas maneiras de viver e fazer o presente se constituem um conjunto de situações que aqui traduzimos como práticas culturais e que são representadas pela mídia de alguma maneira. Como a mídia rádio está representando estas práticas na região da fronteira e pela *web*, nos interessa de modo específico para observar dois espaços importantes e diferenciados por onde circulam elementos que podem ajudar a pensar esse novo horizonte que se vislumbra na sociedade contemporânea e que envolve a questão cultural.

Web: um rádio sem fronteiras

Estudar as práticas culturais na programação jornalística de uma rádio FM de fronteira que está na *web* é uma tarefa instigante porque mexemos com dois espaços: o espaço físico geopolítico e o espaço virtual, o que automaticamente nos leva para uma noção de rádio de fronteira diferente daquela que se pensa tradicionalmente. Será que é possível encontrar na programação de uma rádio FM de fronteira que está na *web* indícios das práticas culturais comuns na região da fronteira geográfica? E de que modo isto está sendo apresentado para o mundo, já que as rádios que estão na *web* podem ser acessadas em qualquer lugar?

Procuramos responder a estas questões ouvindo os produtores-apresentadores de programas nestas emissoras de rádio e acompanhando suas produções. Nossa intenção é descobrir se quem é responsável pelos programas tem consciência de que o processo de veiculação das mensagens do FM de fronteira está atingindo um outro público – o da *web* - e como isto está sendo gerenciado por estes produtores.

Impossível pensar qualquer prática cultural, qualquer produção cultural sem o envolvimento de sujeitos. Os sujeitos carregam consigo a sua bagagem e estabelecem em todas as relações e atitudes comportamentos que revelam o conteúdo desta bagagem, ligado às suas histórias de vida, experiências e vivências, com todo o conhecimento acumulado. Mas quando interagem no e para o espaço virtual, entra em cena mais um contexto, com sua lógica e linguagem própria. Assim, penetram em outras culturas e extraem delas novos elementos, assimilam outros conhecimentos, relacionam-se com diferentes espaços e cidadãos, descobrem coisas e interesses novos. Portanto, incluem no seu desenvolvimento requisitos que não faziam parte de sua bagagem. E esse processo é contínuo e dinâmico. Não cessa nunca, a não ser que eles se isolem. Então,

como poderia um produtor de rádio *web* criar uma programação para a emissora sem considerar tudo isso?

Uma idéia vai suplantando idéias anteriores, aprimorando conceitos, despertando para outras realidades e contribuindo para a filtragem daquilo que vai predominar no conteúdo do discurso. A renovação desse conteúdo é constante, à medida que a seleção e a navegação vão acontecendo no mundo virtual e as outras experiências se desenrolando paralelamente no mundo físico. Não dá para chamar este último de mundo real, pois o virtual não lhe serve como oposição, pois ambos são mundos reais, porém de concepções e organicidade diferentes. Segundo Lemos (2000, p.229) “ virtual vem do latim *virtualis*, de *virtus*, definindo-se como força ou potência (...) O virtual não se opõe ao real, mas ao atual, onde a virtualidade e a atualidade são dois modos de ser diferentes.”

Pierre Levy diz que “[...] o ciberespaço permite ao mesmo tempo a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo ‘todos para todos’” (2000, contracapa). Esse pensamento, de certa forma remete a uma idéia presente na Teoria do rádio do ensaísta alemão Bertolt Brecht, que via no rádio potencial para desenvolver uma comunicação de fato interativa e participativa, o que mais tarde a pesquisadora brasileira Gisela Ortriwano (1998) chamou de comunicação de *mão de dupla direção*.

As características de veículo mais popular, rádio companheiro, o meio que chega a todos os lugares, o que transmite as informações em tempo real, são expressões que ganharam força na literatura específica da área, mas que precisam ser repensadas porque não são mais suficientes diante do momento que o rádio vive hoje. Ele pode ter todas essas características, mas ganhou outras. Por exemplo, a idéia do rádio que está em todos os lugares pode servir ou não para caracterizar uma emissora de rádio na *web*. Primeiro, porque a rede ainda não está disponível em todos os lugares do país. Em alguns locais da fronteira-norte, como em Rondônia, por exemplo, não há espaço urbano num raio de 100 a 200 km da linha de fronteira. Por outro lado, o rádio pela internet tem condições de chegar a muitos outros lugares do planeta em que no formato tradicional não tem. Mas pelas novas tecnologias uma emissora pode ser ouvida em qualquer lugar do mundo, basta estar disponível.

A comunicação do rádio via *web* não tem fronteiras, embora apresente limites tecnológicos. Não ter fronteiras pode significar abrir espaço para a manifestação de diferentes identidades, pois além de estar integrado a uma rede, contribui para o



processo de ampliação e solidificação das fronteiras culturais, sai de um campo de domínio que é mais regional para integrar-se ao espaço da globalização. Conforme Canclini (2003, p.50) “a multiculturalidade é também uma maneira de integrar-se à globalização. Somos produtores e consumidores multiculturais da globalização” e o rádio na *web*, mesmo que não tenha a intenção primeira de participar da acumulação multicultural do capital, acaba ocupando nichos do mercado mundial. Desse ponto de vista, como pensar a questão da identidade cultural, por exemplo, em um meio, como a internet, que não pode ser convencionado como local?

O local na rede é o lugar não de onde se fala, nem de quem se fala. O local tem relação com um espaço relativamente novo: o ciberespaço, o espaço criado virtualmente. Concreto, porque tem um endereço, mas abstrato na sua forma invisível e irrepresentável. Esse espaço é de uma natureza fabricada artificialmente, mas propicia relações naturais de comunicação. Ele tem sua própria linguagem e segue uma lógica que não pode ser avaliada pelos moldes comuns do que seria lógico.

A dinâmica da *web* é de domínio público e significa termos à disposição um novo espaço público que pode ser utilizado por qualquer cidadão, desde que esteja próximo dele e aprenda a manuseá-lo. A partir deste momento, este cidadão passa a transitar dentro dos códigos que o identificam como um cidadão interplanetário e sua identidade não é mais individual. Ele é um multívíduo, como indica Massimo Canevacci (2006).

O multívíduo, de Canevacci, transita com flexibilidade e leveza por outras culturas. Ele é multicultural e não tem apenas uma identidade, mas identidades múltiplas. O múltiplo indica muitos. Indica diversidade, pluralidade. É para este cidadão que a rádio na *web* fala. Para um cidadão que é capaz de ler e assimilar diferentes códigos, compreendendo-os, sem necessariamente perder suas convicções ou raízes. Ele consegue distinguir as diferenças e conviver com elas, mesmo sem aceitá-las, respeitando-as dentro do princípio da alteridade.

Porém, o multívíduo que frequenta este espaço público não é perfeito na sua constituição e forma, pois pode esconder-se, esquivar-se, criar identidades não verdadeiras e utilizar este espaço até de forma mal intencionada. O multívíduo pode ser silencioso, estar no ciberespaço sem manter relação direta com outros multívíduos, conhecer suas histórias, escrever sobre coisas, fatos e pessoas, ser conhecido, ou tornar-se celebridade sem dirigir a palavra a ninguém especificamente. Pode continuar anônimo, aparentemente sem identidade, mas só pelo fato de habitar esse espaço estará



estabelecendo de uma ou outra forma relação com outras culturas. O espaço da *web* permite a interculturalidade quando o multívíduo está aberto para descobrir as potencialidades deste espaço, quando interage com os outros.

Conforme Levy (2000, p. 202) “o poder e a identidade de um grupo dependem mais da qualidade e da intensidade de sua conexão consigo mesmo do que da sua resistência em comunicar-se com o seu meio”. E o poder do ciberespaço é um poder diferente do poder hierárquico, burocrático ou territorial. Levy (2000, p. 205) diz que “é um poder nascido da capacidade de aprender e de trabalhar de maneira cooperativa.” O autor (2000, p. 200) refere-se ao espaço prático como mais importante do que um espaço físico e geográfico objetivo e imutável no que diz respeito à compreensão dos fenômenos culturais e sociais. Entender a noção de espaço prático no mundo contemporâneo significa estabelecer uma relação deste mesmo espaço com o passado dele e com as mutações históricas e tecnológicas decorrentes. Ou seja, a distância entre Uruguaiana na fronteira-oeste do Rio Grande do Sul e a fronteira de Portugal e Espanha não é mais a mesma que no início do século XX. Pelo desenvolvimento das comunicações, o espaço prático é um e o físico geográfico outro. Se é certo que essas distâncias diminuíram, por outro lado, aumentaram as *proximidades cognitivas e afetivas*, conforme expressão de Levy (2000, p. 201), entre as nações, os povos e as culturas. E o ciberespaço é um local privilegiado para essas interconexões desterritorializadas. Cabe refletir sobre a forma como nos posicionamos em relação a este espaço. Somos passivos, interativos, emancipadores ou dependentes?

O ciberespaço tem lugar também para as mídias tradicionais, mas a partir do momento em que entram nele, têm novas características. Rádio, TV, jornal ou revista recebem novo revestimento e tessitura e alcançam outra forma: aquela que privilegia a comunicação todos para todos e prevê interação. Interessa aqui pensar em como o rádio se comporta na *web*, por exemplo, e ampliar o raciocínio que vínhamos fazendo anteriormente. Primeiro, a rádio pode existir apenas na *web*: web rádio, net rádio ou rádios virtuais. A rádio pode coexistir no espaço geográfico territorial e virtual: rádio *on line*. A rádio pode manter apenas uma página, um site de divulgação e nele incluir áudios de sua programação e fotos: rádio *off line* (Trigo-de-Souza, 2004, p.2). A rádio pode coabitar esses dois espaços, ter uma página e ainda ter imagem, isto é, aquilo que está acontecendo no estúdio está sendo transmitido por uma câmera em um determinado endereço eletrônico de modo concomitante: é o rádio com imagem. A rádio na internet pode ser privada e independente, criada por um grupo de pessoas ou por um indivíduo.

Pode ser ainda apenas um canal de áudio, utilizada por portais na rede que possibilitam o acesso a vários canais de música com estilos diferentes, porém, quase sempre sem apresentação de vinhetas e demais fatores que caracterizam esteticamente uma programação de rádio (Júnior, 2003, p.2).

A rádio na *web* não exige concessão legal para funcionar. Os direitos de divulgar música, informação ou até mesmo imagem são de todos. Nesse contexto, os saberes e as informações circulam de modo livre e dinâmico. Em princípio, qualquer informação pode ser verdadeira ou falsa. Os usuários deste espaço por meio de suas interconexões é que vão determinar o peso e fazer essa crítica. A propósito, a maior crítica em relação ao ciberespaço é quanto à autenticidade das informações, mesmo nas matérias assinadas. Entretanto, se olharmos a mídia tradicional, também se corre o risco de tomar como verdadeiro algo que é apenas a verdade oficial, produto de um monopólio. O olhar crítico sobre a informação que consumimos é necessário em qualquer espaço midiático, seja físico ou virtual.

O território planetário é infinito e está sempre em expansão. O número de rádios no espectro é finito, mas na *web*, não. O controle nas rádios da *web* é menos rigoroso, enquanto as tradicionais só podem funcionar sob concessão. A linguagem do rádio na internet mistura a linguagem do rádio tradicional com a do espaço virtual, pois mantém parte dos signos presentes na rádio tradicional e adiciona outros próprios do ciberespaço, como a possibilidade de armazenamento e memória, interação por *chats* de discussão, pesquisa e opinião por meio de votação eletrônica, depoimentos no *site*, comentários.

Existe também uma relação de tempo de escuta diferente, pois você tanto pode estar ouvindo a programação que está no ar naquele momento, quanto pode esquecer tudo isso e procurar nos arquivos algo que já foi ao ar, mas pode ser ouvido em qualquer tempo. Obviamente isso representa alguns riscos para quem é pesquisador desse material, pois há limites de capacidade de armazenamento porque a memória também ocupa um espaço físico dentro do espaço virtual para ser preservada. Portanto, o programa que estava armazenado ontem pode não estar mais disponível hoje, se você não tiver o bom senso de guardá-lo antes em outro lugar seguro para dispor sempre que quiser. Mas esta é apenas uma barreira de ordem tecnológica.

Um outro aspecto importante que merece ser destacado é que o rádio na *web* pode ser representado por um conjunto organizado de emissoras que estão disponíveis para acesso em um site especializado. Mas a emissora pode permanecer quase anônima,



se não se render à lógica do suporte, ou seja, se a rádio existe e não comunicar isso para a rede dificilmente ela será acessada. No ciberespaço, você precisa comunicar que está ali para poder se interrelacionar e fazer funcionar a grande teia que sustenta o virtual: a conexão pela interconexão.

Como a questão do local geográfico não existe para as emissoras que estão somente na *web*, elas têm autonomia para ousarem e transcenderem àquilo que normalmente se chamaria de raízes culturais. O que constitui sua programação não são mesclas decorrentes daquilo que circula no espaço virtual, mas os reflexos das proximidades cognitivas e afetivas que se estabelecem entre os ouvintes *web* e os produtores culturais da emissora *web*. Quanto maior for essa troca e proximidade, mais definido será o conteúdo da programação dessas emissoras, que certamente vão refletir as vivências, experiências, gostos, desejos e interesses de seus usuários, os multivíduos.

Um olhar sobre emissoras FM de fronteira na *web*

As emissoras da rede podem representar diversas práticas culturais que identifiquem um determinado grupo de pessoas, uma região em particular, ou serem, portanto, de tal maneira abertas ao conjunto de elementos que circulam nesse meio. Mas como o ciberespaço não tem forma, dificilmente poderemos nelas representar a totalidade da sociedade que ele abarca. A amplitude e a multiplicidade desse espaço total não há como representar, mas se pode, todavia, encontrar em cada emissora *web* uma representação de determinadas práticas culturais. Mas o que determina esse recorte e o que fundamenta essas práticas?

Consideremos, de um lado, o rádio tradicional FM, onde percebemos que circulam uma série de mensagens extraídas de uma realidade que é o espaço físico onde está localizada a emissora de rádio. De outro, esta mesma emissora que, pode ser acessada também pela internet. Seus ouvintes são distintos e localizam-se em espaços diferentes e certamente mantêm expectativas diferenciadas em relação à emissora. O ouvinte da *web* costuma interagir por meio de e-mail, *chat*, recados no site ou MSN e obtém um retorno imediato de sua participação. O ouvinte de FM, geralmente, enquanto ouve rádio, está ocupado com outras atividades e sua participação não se dá de forma tão intensa quanto o outro. Entretanto, os dois querem ouvir na rádio algo que tenha afinidade com eles, seja a língua, a música, as temáticas abordadas nos programas ou as notícias sobre coisas que são de seu interesse. E neste aspecto há uma questão muito interessante: a maioria dos ouvintes que sintonizam a rádio na internet são



ouvintes locais que ouviriam a mesma rádio se ela estivesse apenas no dial. Pelos depoimentos dos produtores e apresentadores dos programas que interagem com eles por meio da internet, uma pequena porcentagem da audiência é representada por ouvintes de regiões mais distantes ou de fora do país. São geralmente pessoas que têm algum tipo de vínculo com a região onde está localizada a FM que está na *web*. A escuta é uma forma de manterem-se informados e ligados naquele espaço geográfico.

O que chama atenção, no caso das duas emissoras observadas – a Amambay FM (www.amambayfm.com), de Pedro Juan Caballero (Paraguai) – Ponta Porã (MS/Brasil) e a RCC FM (www.rccfm.com.br), de Santana do Livramento (RS/Brasil) - Rivera (Uruguai) é o fato que a emissora FM na rede, de acordo com os apresentadores-produtores entrevistados, é mais um espaço disponibilizado para o ouvinte. O apresentador do programa *Bom dia*, Márcio Santos, um brasileiro de Ponta-Porã que faz programa todas as manhãs na Amambay FM no Paraguai, e Danúbio Barcelos, apresentador do programa *Jornal da Manhã*, na RCC FM, de Livramento, ressaltam que a *web* funciona como uma espécie de serviço complementar que a rádio presta para seus ouvintes.

Danúbio exemplifica que pessoas em todo o mundo, principalmente santanenses mandam e-mail e ouvem a rádio com uma qualidade como se fosse local e isso é muito gratificante. Ele conta que a interação com o ouvinte por meio de e-mail na RCC FM é registrada em um *link* exclusivo para isso, onde os ouvintes colocam a sua opinião sobre a rádio, inclusive atribuindo notas à programação. O apresentador ressalta que recebe e-mails de diversos lugares do mundo fazendo referências à programação e que para uma rádio como a RCC, que tem apenas um quilowatt de potência - o máximo que atinge é um raio de cem quilômetros em torno de Santana do Livramento - a *web* é um ganho, pois amplia essa audiência.

Quanto às práticas culturais, Danúbio acredita que a linguagem própria da região da fronteira, o sotaque diferente e o portunhol estão enraizados nos apresentadores e eles levam isso para a programação das emissoras inevitavelmente, bem como as informações de caráter rural, próprias da região de Santana de Livramento, são as que mais interessam ao ouvinte. Mas a grande preocupação é com a música de boa qualidade, evidenciando estilos como o pop rock, o nacional e o internacional, mas de forma *light*. “A emissora ainda toca em alguns horários o estilo nativista e gauchesco, próprio da região”, frisa Danúbio.

Apesar disso, Danúbio não vê na RCC o estilo local das outras emissoras da fronteira. E por isso acha que a emissora não tem identidade local. Mesmo assim, afirma que o programa *Chimarreando*, só de música nativista, e o *Conversa de fim de tarde*, de entrevistas e bate-papo, ressaltam somente os aspectos locais do município e da fronteira. Diz que o *Chimarreando*, por exemplo, é um “programa autêntico, o único que fala das coisas de Livramento”. E nesta mesma direção declara que “no jornalismo as notícias locais são prioridade, embora haja um grande número de notícias retiradas da internet”.

Márcio Santos, radialista da emissora de fronteira paraguaia, acha que precisa trabalhar com a notícia generalizada, não só de enfoque para os brasileiros. Acredita que o produtor deve pensar nos dois países que fazem fronteira, no caso, Paraguai e Brasil. Diz que “o importante é buscar sempre informações locais”, isto é, que seja sobre e/ou de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. O radialista brasileiro afirma que “a questão das práticas culturais aparece na programação pelas músicas que identificam os dois países, assim como as informações culturais sobre as duas cidades”. Ele acredita que mesmo as notícias, quando se voltam para o interesse da comunidade são uma forma de abordar a cultura, as coisas que identificam a fronteira. Ele ressalta que “rádio não é só música e tem um importante papel na questão cultural”. Ele salienta que no caso das duas cidades, apesar de serem em países diferentes, expressam uma identidade comum, pelos costumes, pela culinária e pela música.

A internet é uma aliada de Márcio Santos, não só como canal de transmissão, mas como fonte para as informações. Depois da que a Amambay FM entrou na rede há quatro anos recebe contatos de ouvintes da Inglaterra, Japão, Bélgica, Portugal. Ele diz que “antes, não tinha idéia de quantas pessoas aqui da fronteira estão nesses países. Mas quando entram em contato com a gente, dizem que estão matando a saudade da cidade e dos familiares através do rádio e isso nos deixa feliz.” E acrescenta: “com o rádio na web temos mais uma arma na mão.”

O radialista da Amambay FM acha que o ouvinte da web é de um outro patamar, um ouvinte “mais qualificado”. Ele diz preocupar-se muito com este aspecto porque acredita que esse ouvinte quer algo mais, pois já está na internet. “Quer algo diferente do que ele já tem acesso”.

As rádios FM das fronteiras analisadas mantêm a mesma programação tanto no canal FM quanto na rede. A rádio é a mesma em dois suportes diferentes. E os comunicadores que ouvimos estão cientes desta situação, e embora tenham noção de

que comunicam para um outro público, não inserem modificações significativas na sua rotina de trabalho, tendo em vista esse ouvinte *web*. Para eles, este outro espaço que se abre é apenas um complemento, uma ampliação do espaço primitivo, ou seja, do rádio FM que está no dial. Não é que haja uma desconsideração com o ouvinte da internet, ao contrário, os comunicadores se relacionam com ele e obtêm um feedback imediato por meio dos canais de interação.

O que percebemos nas rádios de fronteira é que elas ainda não fazem investimentos em recursos humanos ou materiais para disponibilizar uma programação diferenciada ou segmentada, tendo em vista esse novo público. A conexão com esse público se mantém justamente pela afinidade do local, já que o multívíduo ou cidadão do mundo ouve a rádio FM de fronteira pela internet, porque está longe da cidade de origem ou de seus familiares. Ouvir a rádio pela *web* é uma forma de se manter próximo de sua cultura de raiz ou das pessoas com as quais tem laços afetivos.

Considerações finais

Nas emissoras FM estudadas, localizadas na faixa de fronteira, o que se verifica é a manifestação dos elementos provenientes do caldeirão cultural da fronteira, a que nos referimos anteriormente. O rádio reproduz essas marcas por meio de sua programação, difundindo em todo o território de seu alcance aquilo que constitui as práticas culturais do espaço físico em que está inserido. Quando isto se propaga também pela *web*, atinge um outro patamar, para o qual não prepara nada diferenciado.

A música, no rádio FM é um elemento importante da identidade cultural dos povos de fronteira. E essa música é ouvida indistintamente na zona urbana e rural e agora, com a *web*, em qualquer parte do mundo. A mesma programação pode estar sendo sintonizada de modo concomitante numa fazenda de gado em Livramento ou no centro de Nova Iorque. Na programação das emissoras FM há preponderância da música sobre a notícia. Esta hegemonia pode ser olhada não como a possibilidade de penetração de elementos puramente ideológicos, mas como uma instância cultural que reproduz as relações vigentes naquela sociedade de forma espontânea, atendendo a uma expectativa das camadas consumidoras. Assim, a rádio estabelece um vínculo com essas camadas através de um produto cultural que as identifique. E essa identificação, no caso desse estudo, não se dá apenas do lado uruguaio, paraguaio ou brasileiro, pois as músicas em espanhol são muito bem aceitas no Brasil, assim como as músicas brasileiras constituem uma porcentagem significativa da programação das emissoras

FM uruguayas e paraguayas. A rádio sintetiza uma diversidade de significados e discursos heterogêneos, o que determina a sua própria natureza.

Pelo rádio a problemática e as práticas culturais e sociais da fronteira vão se desnudando. Olhar a fronteira sobre esta perspectiva é um passo importante para construir sua identidade, que não se estabelece apenas pelas relações comerciais, mas por um conjunto de elementos presentes na história, na cultura e na memória da região e que estão representados, de algum modo, pela programação das emissoras FM de fronteira. E quando pensamos que isto está disponível na grande rede mundial, amplia-se a possibilidade de um conhecimento maior sobre esta região, normalmente esquecida. Essas relações aproximam os povos e diminuem as diferenças.

Pelo rádio FM de fronteira na *web*, muitas práticas culturais e idéias atingem diversos territórios e espaços marcados por caracteres diferenciados no que diz respeito à cultura e à realidade. Como estas diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças, o rádio funciona como elemento identificador dessas variáveis e articulador de um processo em que se dão as representações das práticas socioculturais da fronteira.

O caráter do rádio de fronteira na *web* ganha uma outra dimensão na atualidade, pois o local e o global se mesclam num espectro de ondas e num endereço eletrônico. A identidade desses espaços se sustenta pelo suceder de uma série de situações e práticas quotidianas que são características das relações estabelecidas na sociedade contemporânea em que interagimos pelas novas tecnologias. Ao mesmo tempo em que este rádio precisa tratar dos fatos dentro de um contexto de nação, necessita desdobrar-se para dar conta de uma nova realidade. Como meio de comunicação, lhe cabe cumprir sua função dentro de um espaço físico e de um espaço virtual que não diz respeito apenas ao seu país, ou cidade, mas ao mundo.

Isto leva a supor pelo rádio uma reorganização das idéias no espaço, dentro de sua condição de recriar e renovar a informação adequando às diferentes situações sem perder em significado. Canclini (1997, p. 262) refere-se ao fato de que “as tecnologias comunicativas (...) não substituem as tradições nem massificam homoganeamente, mas transformam as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade”. O autor afirma ainda que essas tecnologias “propõem outros vínculos da cultura com o território, do local com o internacional, outros códigos de identificação das experiências, de decifração de seus significados e modos de compartilhá-los”. O rádio FM de fronteira na *web* interage com a fronteira e os cidadãos do mundo, reflete seus



comportamentos e articula relações e práticas culturais. Ele é, portanto, pela sua programação, um espaço para múltiplas identidades culturais.

Referências

BARCELOS, Danúbio. *Entrevista pessoal*. Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 22 de outubro de 2006.

CANEVACCI, Massimo. Palestra proferida no Seminário *Cidade: comunicação, formas e recepção*. Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS, setembro de 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor (coordenador acadêmico). *Culturas da Ibero-América: diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna, 2003

HALL, Stuart (org). *Representation. Cultural Representatation and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LE MOS, André. Arte eletrônica e cibercultura. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipuc, 2000. 2 ed. 294p. (p.225 a 243)

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipuc, 2000. 2 ed. 294p. (p.195 a 216)

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. In: *Novos Olhares*. Revista de Estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos. São Paulo: ECA/USP, número 2, 2º semestre de 1998.

SANTOS, Marcio. *Entrevista pessoal*. Rádio Amambay FM: Pedro Juan Caballero, Paraguai, 13 de fevereiro de 2007.

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. *O rádio paulistano na era da internet*. Trabalho apresentado ao NP – 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004.